

Tradução Inglesa

Mensagem do Dia Mundial do Teatro 2018 – Africa Were Were Liking, Costa do Marfim

Artista Multidisciplinar

Um dia

Um ser humano decide colocar questões a si próprio em frente de um espelho (um público)

Para inventar respostas ele próprio e, em frente a esse mesmo espelho (o seu público)

Se criticar a si mesmo, se rir das suas próprias questões e respostas

Para rir ou chorar, enfim, mas no final

Para agradecer e abençoar o seu espelho (o seu público)

Por lhe ter dado esse momento de comoção e libertação

Ele inclina-se e agradece-lhe para lhe mostrar gratidão e respeito...

No fundo, ele estava à procura de paz,

Paz consigo mesmo e com o seu espelho:

Ele estava a fazer teatro...

Nesse dia, ele estava a falar...

Desprezando as suas falhas, os seus paradoxos e distorções,

Emocionando-se através de mimetismo e de contorções;

A mesquinhez com que manchou o seu humanismo

Os enganos que provocaram cataclismos

Ele estava a falar para si próprio...

Admirando-se nos seus surtos explosivos,

Nas suas aspirações à grandeza, à beleza

A um ser melhor, a um mundo melhor

Que nós construiríamos a partir dos seus pensamentos

Que ele poderia ter moldado com as suas próprias mãos

Se dele para ele próprio no espelho, ele o quisesse, diz ele para si próprio

Se ele e o seu espelho partilharem o desejo...

Mas ele sabe-o: ele estava a fazer representações

De escárnio, sem dúvida, de ilusão,

Mas também, claro, ação mental

Construção, Recriação do mundo,

Ele estava a fazer teatro...

Mesmo torpedeando todas as esperanças

Pelas suas palavras e gestos acusatórios

Ele estava vergado e acreditando

Que tudo se cumpriria nessa única noite

Através dos seus olhares alucinados

Através das suas palavras doces

Através do seu sorriso malicioso

Através do seu humor delicioso

Através das suas palavras que, mesmo quando magoam ou embalam
Operam a cirurgia de um milagre
Sim, ele estava a fazer teatro.

E no geral
Em casa em África
Especialmente no Kamite¹ lugar de onde eu venho
Nós não nos importamos com nada
Nós rimo-nos ao mesmo tempo, lamentamo-nos enquanto choramos,
Caímos ao chão quando nos desapontamos
No Gbégbé² ou no Bikoutsí³
Máscaras assustadoras são talhadas
Glaé⁴, Wabele⁵ ou Poniugo⁶
Para descobrir os Princípios Intransigentes
Que nos foram impostos pelos tempos e pelos ciclos
E os fantoches que, como nós,
Acabam por imaginar os seus Criadores
E por subjugar os seus manipuladores
Concebem rituais em que a palavra dita
Empolada por respirações ritmadas e canções,
Avança para a conquista do sagrado
Provocando danças como transes
Encantamentos e chamamentos à devoção;

Mas, também e acima de tudo,
Explosões de riso
Para celebrar a alegria de viver
Que nem séculos de escravatura e colonização
Racismo e discriminação
Nem eternidades de atrocidades indizíveis
Poderiam sufocar ou suster
Da nossa Alma paternal de Pai e Mãe da Humanidade;
Em África, como em todos os lugares do mundo
Nós fazemos teatro...

E neste ano especial dedicado ao ITI
Sinto-me particularmente honrada e feliz
Por representar o nosso continente
Por transportar a sua mensagem de paz
A Mensagem Pacífica do Teatro;
Porque este continente do qual se disse não há muito tempo
Que qualquer coisa lhe podia acontecer
Sem que ninguém sentisse o mais pequeno mal-estar ou falta
Vê novamente reconhecido o seu papel primordial
De Pai e Mãe da Humanidade
E o mundo inteiro está a “escorrer” cá para dentro

Porque toda a gente espera sempre encontrar a paz
Nos braços dos seus pais, não é?

E como tal, o nosso teatro, mais que nunca, convoca
E inclui todos os seres humanos e, especialmente,
Todos aqueles que partilham o pensamento, a palavra e a ação teatral,
De que exista mais respeito por si próprios e uns pelos outros
Prezando os melhores valores humanistas
Na esperança de reclamarmos uma melhor humanidade para todos:
Uma humanidade que preze a inteligência e a compreensão.
Através do recurso a este papel das culturas humanas mais efetivas
Precisamente aquela que apaga todas as fronteiras: o teatro...
Uma das mais generosas porque fala todas as línguas,
Envolve todas as civilizações, reflete todos os ideais,
E expressa uma união profunda entre todos os homens que
Apesar de todos os confrontos
Estão interessados em conhecer-se melhor
E em amar-se mais a si mesmos, na paz e na tranquilidade
Da representação que se torna participação
Recordando-nos o dever que uma ação nos impõe
O poder do teatro que faz toda a gente rir e chorar, juntos
Diminuindo a sua ignorância, aumentando o seu conhecimento
De maneira a que o Homem volte a tornar-se a maior riqueza do Homem.

O nosso teatro propõe-se reexaminar e reavaliar fundamentalmente
Todos os princípios humanistas, todos esses elevados valores
Todas essas ideias de paz e amizade entre os povos
Tão apregoadas pela UNESCO
Para reencarná-las nas cenas que criamos hoje
De maneira a que estas ideias e princípios se transformem numa necessidade
essencial
E um pensamento aprofundado dos próprios criadores teatrais
Que poderão então partilhá-lo da melhor forma com os seus públicos.

Esta é a razão pela qual na nossa mais recente criação teatral intitulada «L'Arbre
Dieu», repetindo as recomendações
De Kindack⁷ Ngo Biyong Bi Kuban⁸, o nosso Mestre, diz:
“Deus é como uma grande árvore”
Que só consegue perceber um aspeto de cada vez
Do ângulo de onde este é visto:
Quem quer que passe por cima da árvore aperceber-se-á somente da folhagem
E dos possíveis frutos e flores sazonais.
Quem quer que viva debaixo da terra, saberá mais acerca das raízes,
Aqueles que estejam encostados à árvore, vão reconhecê-la
Pela sensação nas suas costas.
Aqueles que venham de cada ponto cardeal

Vão ver os aspetos a que, os que estão do lado oposto, necessariamente, não terão acesso,

Alguns, privilegiados, vão perceber o segredo

Entre a casca e a polpa da madeira

E ainda outros, a íntima ciência da medula da árvore;

Mas seja qual for a superficialidade

Ou a profundidade da perceção de cada um,

Nunca ninguém se encontra colocado num ângulo a partir do qual

Se consiga perceber todos os aspetos de uma vez

A não ser que se transforme na própria árvore divina!

Mas aí, seremos nós ainda humanos?

Que todos os teatros do mundo se aceitem e tolerem entre si

Para melhor servirem o objetivo global do ITI

De maneira a que, finalmente, no seu 70º aniversário,

Haja mais paz no mundo

Com uma grande participação no Teatro...

Werewere-Liking Gnepo, Artista Multidisciplinar

Tradução (a partir da Tradução para Língua Inglesa) de:

Ricardo Simões

ricardosimoes@centrodramaticodeviana.com

¹ Kamite; habitante de Kamita, a ‘Terra dos Pretos’, literalmente. Kamite também se refere a todos os nativos e seus descendentes espalhados pelo mundo nas diásporas, assim como os praticantes da religião original da sua região.

² Gbégbé; uma dança tradicional do país dos Bétés, Costa do Marfim, dançada em demonstrações públicas de júbilo ou de luto.

³ Bikoutsj; a) Kout: atingido. B) a terra. Uma dança original Fan Beti do Sul dos Camarões, que era inicialmente praticada pelas mulheres para assegurarem bênçãos da Mãe Terra: boas colheitas, melhor clima, etc. em que era necessário bater no chão vigorosamente para que este ouvisse a razão. Atualmente foi recuperada pela juventude de todo o país e para além dele, graças a muitas estrelas internacionais.

⁴ Glaé; Sistema religioso dos Wè e dos WoBè, povos do oeste da Costa do Marfim, baseado nas ‘mascaradas’. Uma hierarquia completa de máscaras, habitualmente assustadoras, funciona como pilar da organização social e das crenças destes povos.

⁵ Wabele; uma das máscaras do sistema religioso Senufo, do norte da Costa do Marfim. Com a cabeça de Hiena, comedora de fogo, representa o conhecimento e o poder.

⁶ Poniugo; outra máscara do sistema religioso Senufo, baseado no Poro, a iniciação no coração dos bosques sagrados que governam toda a sua sociedade.

⁷ Kindack; literalmente “Senhora das Recomendações”, título dado às Matriarcas. Mulheres que adquiriram um nível de sabedoria através da iniciação Mbock ou Mbog, sistema religioso do país Bassa, no centro dos Camarões e correspondente ao título de Mbombock, reservado aos homens.

⁸ Kuban; Moça de Biyong, Filho de Kuban. Este é o nome da minha avó, uma das últimas detentoras do conhecimento “Kl-Yi Mbock” de quem recebi o dever de transmissão que venho burilando desde há mais de três décadas.